



Filosofia da educação, o cuidado de si e do outro e o agradecimento à asclépio

Por CARLOS ROBERTO DA SILVEIRA
MÁRCIA APARECIDA AMADOR MASCIA

carlosilveir@yahoo.com.br
marciaaam@uol.com.br

*Críton, exclamou [Sócrates], devemos um galo a
Asclépio. Não te esqueça de saldar a dívida!*

(PLATÃO, Fédon, 118a).

Considerações iniciais

Na chamada, “Era Péricles” entre 446 a 431 a. C., Atenas viveu momentos de glória e supremacia devido aos seus desenvolvimentos interno e externo. Internamente, voltou-se para as questões político-administrativas e culturais. Externamente, avançou o seu domínio sobre os mares e sistema de colônias (*cleruquia*) como prolongamento da cidade. Um intenso comércio promoveu a prosperidade de Atenas, o centro da Grécia Antiga e, com isso, a inveja se alastrou entre os seus concorrentes. Esparta, a maior rival, junto aos seus aliados peloponesianos sentiram que este imperialismo poderia ser perigoso e não tardou para se ter início à chamada “Guerra do Peloponeso” (431-404 a.C). Com tantas desavenças e guerras, Esparta vencedora criou uma comissão administrativa em Atenas, chamada “os trinta tiranos” para governar a cidade até que entrasse em vigor uma nova constituição. Hegemônica, viveu-se uma oligarquia de muito terror. Contudo, os exilados atenienses sob a chefia do general Trasíbulo conseguiram depor os tiranos. Já, a rivalidade entre o rei Pausânias da cidade-Estado grega de Esparta e o almirante espartano Lisandro favoreceu a restauração da democracia ateniense em 403 a.C. (GIORDANI, 1984, p. 123-128).

Desse modo, a história de Atenas no século IV viveu os ares da prudência e da moderação, não somente devido à vigilância espartana, mas era preciso repensar os fracassos, as alianças, as liberdades, a democracia, a educação, os valores morais e éticos, isso através dos filósofos, em especial, Sócrates (469-399 a.C.) que, no entanto, fora condenado e morto.





Era de madrugada em Atenas, primavera do ano de 399 a.C., Críton (ou Critão) em visita a Sócrates em sua cela, pensativo fitava o amigo de infância ainda a dormir. Nisso, Sócrates acordou e o interpelou sobre por quais motivos havia chegado àquelas horas? Porquê não o havia acordado? Ele respondeu que chegara a um bom tempo e não o acordara, pois estava admirando a placidez de seu sono, a tranquilidade, a brandura de um homem que suportava a desgraça mesmo estando prestes a morrer (PLATÃO, *Critão*, 43a-b).

Era sabido que com o retorno do navio ateniense advindo das festividades sagradas de Delos, este anunciaria que a execução de Sócrates estava próxima e Críton aflito, foi visitá-lo na prisão, um dia antes da sua morte. Foi nessa “madrugada” que ele declarou que possuía um plano e que compraria os guardas e burlaria os juízes para empreender a fuga do amigo. Tentou convencê-lo, mas Sócrates não tardou a expor que não poderia agir dessa forma.

No *Fédon*, Platão (428/427 - 348/347a.C.) inicia sua obra com a seguinte pergunta de Equécrates: “- Estiveste tu mesmo, Fédon, junto de Sócrates no dia em que ele tomou o veneno na prisão, ou o ouviste de alguém? - Não, eu mesmo, Equécrates” (PLATÃO, *Fédon*, 57a). Então, Equécrates pronunciou: “-O que disse o homem antes de morrer? E como foi a sua morte? Gostaria de saber tudo o que passou” (PLATÃO, *Fédon*, 57b).

Acredita-se que a obra *Fédon* de Platão dedicada aos últimos dias de vida de Sócrates, tenha sido composta próximas das obras *O Banquete* e *A República*, compreendidas entre o decênio 377 a 367 a.C., ou seja, entre as duas primeiras visitas de Platão à Siracusa, quando o filósofo vivia a sua fase média, período dos cinquenta anos de vida. A obra trata da imortalidade da alma, do ideal de vida filosófico, do conhecimento e da morte que se aproximava. “Preso”, Sócrates teve que esperar trinta dias para beber a cicuta, isso ao “entardecer”. A infusão matava por asfixia, no entanto o efeito poderia levar horas. O “sol já estava desaparecendo”, o crepúsculo anunciava a “noite” e, Sócrates atento a tudo “já de banho tomado”, perguntou ao encarregado da bebida, o que ele deveria fazer: “- E agora meu caro: já que entendes destas coisas, que precisarei fazer? – ‘Nada mais’, respondeu, ‘do que andar depois de beber, até sentires o peso nas pernas, e em seguida deitar-te. Assim o veneno atuará’” (PLATÃO, *Fédon*, 117b). Em seguida, Sócrates pegou o cálice com naturalidade, bebeu-o por completo e começou a caminhar. Os que estavam presentes verteram-se em





lágrimas, mas logo o mestre pediu que acalmassem. Em determinado momento, com as pernas pesadas, parou sua caminhada pela cela, deitou-se e começou a sentir que o frio dos pés e das pernas já subira e enrijecia o baixo-ventre. Cobriu a cabeça, e num determinado momento, retirou o véu e exclamou à Críton: “Devemos um galo a Asclépio. Não te esqueça de saldar esta dívida!” (PLATÃO, *Fédon*, 118a). Estas foram as suas últimas palavras. E, Fédon encerra o diálogo: “Tal foi o fim do nosso amigo, Equécrates, do homem podemos afirma-lo, que, entre todos os que nos foi dado conhecer, era o melhor e também o mais sábio e o mais justo” (PLATÃO, *Fédon*, 118a).

O enigma da dívida e um legado

Em 2016, nos nossos estudos (Grupo de Pesquisa: Estudos Foucaultianos e Educação - GPEFE-USF), ao refletirmos sobre a “Aula de 15 de fevereiro de 1984, Segunda hora”¹ de Michel Foucault (1926-1984), a socrática dívida à Asclépio, veio à lume e reacendeu-nos a necessidade e o atrevimento de perscrutar o tão enigmático assunto. Diante disso, surge este estudo que tem por proposta, investigar, “examinar”, “examinar-nos” e, quem sabe, talvez promover outros questionamentos sobre tal enigma, pois como dizia Sócrates: “A vida que não é examinada não vale a pena ser vivida”.

Foucault no início da referida aula, pergunta ao público se havia lido o livro de Georges Dumézil (1898-1986) intitulado *Le moyne noir em gris dedans Varennes (O monge negro vestido de cinza em Varennes)* de 1984 que possui duas partes, a primeira dedicado a Nostradamus e a segunda a Platão, em especial sobre as últimas palavras de Sócrates, o tão enigmático pedido (*Fédon*). Para Foucault, Dumézil se diverte e indigna com os versos do poeta, político e escritor Alphonse de Lamartine (1790-1869) que declara que Sócrates havia sido curado da doença que consistia em viver. De certa forma, tal interpretação de Lamartine, advém da visão tradicional da história da filosofia. Então, Foucault cita Léon Robin (1866-1947) ao apontar que a gratidão de Sócrates é devida a alma curada por estar unida ao corpo,

¹ Aulas do Curso no Collège de France (1983-1984). Obra: FOUCAULT, Michel. A coragem da verdade. O governo de si e dos outros II. Foucault no início do curso, em fevereiro, revela que não pode começar o seu curso no início de janeiro, pois estava “doente, doente mesmo”. Nessa obra, Foucault parece refletir muito o seu momento presente, analisa o discurso de Sócrates na proximidade da morte e, meses depois, ele falece no dia 25 de junho de 1984.





daí o deus Ihe restabelece a saúde da alma. Para John Burnet (1863-1928) a morte é como um sono na qual a alma pode-se acordar curada, por isso, o agradecimento a Asclépio. Em seguida, em *A gaia ciência* (Aforismo 340- *Sócrates Moribundo*), tem-se Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) de que a “vida é uma doença” e que Sócrates fraquejara, pois ele se vinga da vida e nega sua filosofia no momento de sua morte. Da Antiguidade tardia, Olimpiodoro² declara que para curar a alma, pelo que esta sofreu no devir, a morte é o acesso à eternidade, é a sua cura (FOUCAULT, 2014, p.83-85). No entanto, Foucault (2014, p.89) no rastro de Dumézil, vê que não é aceitável as interpretações de que “a vida é uma doença”, que a vida é um mal, pois

Sócrates levou uma vida tão sábia, tão destacada do corpo, para a qual não pode haver mal neste mundo. Assim, no momento em que ele vai morrer, em que ele aceita morrer, em que está feliz com morrer, Sócrates nunca diz, nem pensa, não disse e não pensou que a vida é uma doença. Logo as últimas palavras de Sócrates são singularmente enigmáticas, porque é preciso admitir que, de um lado, a oferenda a Asclépio nos põe muito precisamente no interior de um ritual que se refere à doença e que, por outro lado, para Sócrates a morte não pode ser, em si, considerada uma cura, porque a vida não pode, em si, ser considerada uma doença. Qual é então essa doença de que pessoas foram efetivamente libertadas, é preciso um sacrifício?

Enno Friedrich Wichard Ulrich von Wilamowitz-Moellendorff (1848-1931), contrário à Nietzsche, acreditava que não se tratava da “vida como doença”, mas de uma doença da qual Sócrates havia lembrado de ter se curado. Frantz Cumont (1868-1947) em um relatório de 1943, declara que era evidente que se tratava de um ritual de cura, mas não se deve esquecer que o galo é de origem persa (guia das almas para o inferno). Dessa forma, Foucault (2014, p.89) salienta que esta foi uma maneira de Cumont pedir que a mitologia persa resolvesse o problema. Porém, Foucault faz uma pergunta: “O que faz Dumézil diante de tudo isso?”. Ele não admite que se trata de uma doença, de uma doença passageira que Sócrates lembrou que havia sido curado e nem de que ele fraquejara. Assim sendo, a dívida seria endereçada à Críton, quando este tentou convencer Sócrates para que fugisse.

² Importante lembrar que, Olimpiodoro de Alexandria (séc. VI d.C), filósofo neoplatônico, foi discípulo de Amônio Hérmiás, filho de Hérmiás e Edésia (filósofos neoplatônicos na Alexandria). Sobre a referida obra *Comentário ao Fédon*, sua autoria é questionável. Atualmente esta é atribuída a Damácio de Damasco (séc. VI d.C), filósofo neoplatônico que estudou com Hérmiás, com Amônio e ficou conhecido como o último diádoco da escola de Atenas.



A falta pode deteriorar a alma, quando “posta em mau estado por opiniões [opinião falsa = *nósos* = doença] que não terão sido examinadas, testadas e experimentadas em termos de verdade” (FOUCAULT, 2014, p.91). Atento, contudo, Foucault levanta uma objeção, a de que não se encontra claramente no texto de Platão a relação de corrupção da alma como doença, mas a de *nósos* (FOUCAULT, 2014, p.92). A opinião falsa, o raciocínio falso pode abalar a saúde, já o *lógos*, o raciocínio bom, cura a alma. Quanto ao “nós devemos”, Dumézil avalia que Sócrates poderia momentaneamente estar convencido por Críton, além disso, devido ao vínculo de amizade, quando um adocece, os outros adoecem juntos. Assim sendo, Foucault (2014, p.94-95) sugere que Cebes e Símiás também estavam doentes, devido acreditarem na falsa opinião de que, ao morrer não se tem certeza se a alma imortal será libertada.

No texto, há um momento em que Foucault diz ao público que certamente, seus ouvintes estariam se perguntando sobre o porquê dele se deter na interpretação de Dumézil, o que aparentemente parecia fugir da linha de estudo, ou seja, as das aulas anteriores e posteriores. No entanto, para ele a temática recairia sobre a *epiméleia*, “o cuidado”. Dirá Foucault (2014, p.96):

É preciso lembrar que todo o ciclo de morte de Sócrates que procurei evocar na hora precedente [Primeira hora], esse grande ciclo que começa com a *Apologia*, continua com *Críton* e termina com o *Fédon*, todo esse ciclo é precisamente perpassado por este tema da *epiméleia*.

Dessa forma, Foucault ao referir-se à *Apologia*, aponta que Sócrates com a sua *parrhesía* tinha por preocupação última, ensinar os homens a cuidar de si mesmos e, assim como Sócrates, estes cuidariam dos outros. No *Críton*, a *epimeléia* está presente, sendo fortemente marcada no *Fédon* quando da morte de Sócrates. “Foi essa missão, relativa ao cuidado consigo mesmo, que levou Sócrates à morte. É o princípio do ‘cuidar de si mesmo’ que ele lega aos demais, para lá de sua morte” (FOUCAULT, 2014, p.99).

O galo e o despertar

Na mitologia grega, conta-se que Afrodite (deusa do amor) era casada com Hefesto (deus do fogo). Nas ausências deste para o Monte Etna na Sicília, onde trabalhava em suas forjas,





Ares (deus da guerra) partilhava às escondidas o leito com Afrodite. Para não ser descoberto, Ares deixava um jovem soldado de vigia próximo à porta dos aposentos, para avisá-lo da aproximação de alguém e de Hélio (deus sol) que anunciaria o dia. No entanto, certa vez o soldado sentinela dormiu, vítima do deus Hipnos (Sono, filho de Nix deusa da Noite). Nisso, Hélio que tudo vê, lançou seus primeiros raios e estes adentraram o quarto do casal. Ele imediatamente alertou Hefesto. Este enfurecido por tamanha afronta, com maestria confeccionou uma rede de ouro invisível para prender o casal, ainda no leito. Feito isso, chamou todos os deuses para testemunharem o adultério. Envergonhados, Afrodite fugiu para Chipre e Ares foi para a Trácia. Dessa relação nasceram Deimos (o terror), Fobos (o medo) e Harmonia, que mais tarde, tornou-se esposa do rei de Tebas, Cadmo. Na obra de Homero a *Ilíada*, os irmãos gêmeos Deimos e Fobos e a deusa Ênio (Horror – conhecida como Destruidora de Cidades), com frequência são retratados acompanhando Ares nas guerras

Como Ares, homicida, quando entra em combate,
Seguido pelo filho, Fóibos, ou Fobos o Terror,
Potente e sem temor, que aterra mesmo aqueles
De flâmeo coração (HOMERO, Canto XIII, v.295).

Sobre o vigia, este também não escapou da punição, pois para Ares, ele fora o culpado de toda desgraça, isso devido a se entregar ao *sono*. Punido pelo próprio Ares, o jovem foi transformado em um galo (*Alektryón* em grego), e então, obrigado a cantar todos os dias, antes que o sol irradiasse os seus primeiros raios. Assim, tornou-se para sempre, um vigilante do tempo que deve anunciar em alto tom, que o sol iluminará tudo.

Da mitologia persa (isso para lembrarmos de Foucault/Cumont), tem-se *Mitra* (deus sol) que foi incorporado na mitologia hindu e romana. Harold Bayley (2005, p.140-141) fornece dados importantes para nossa pesquisa, sobre esta divindade solar e o símbolo do galo. *Mitra* corresponde em muitos aspectos ao *Indra* hindu, comandante celestial, deus protetor dos guerreiros, inimigo da impureza, do vício, do sofrimento, fecundador da natureza e outros tantos atributos. Sempre em vigília, luta contra os males das trevas, mediador entre a luz e a escuridão. Sabe-se que o Cristianismo apresentou tantos pontos comuns com os ritos



sagrados para *Mitra*, que os Padres da Igreja (Patrística) concluíram que os pagãos estavam imitando os ritos sagrados cristãos. O clero, tendo dificuldades de afastar os mitraístas de suas crenças, discretamente foi-se inserindo em certas festas “pagãs”, isso para honrar o deus cristão. Por exemplo, no dia 25 de dezembro, festas eram realizadas para comemorar o dia do nascimento de *Mitra* e os crentes obstinados não aceitavam desistir de suas comemorações. Somente em 400 d.C, “os Padres da Igreja aceitaram o inevitável, e diplomaticamente adotaram o dia Nascimento de *Mitra* como aniversário oficial do Cristianismo” (BAYLEY, 2005, p.141). De acordo com Bayley (2005, p.141), São João Crisóstomo, no início do século V, refere-se às festas do “deus sol” dos pagãos, da seguinte forma:

Nesse dia, também o aniversário de Cristo *foi há pouco fixado* em Roma a fim de que, enquanto estivessem os gentios ocupados com as cerimônias profanas, os cristãos pudessem realizar os seus ritos sagrados sem serem perturbados. Eles chamam este dia [25 de dezembro] de aniversário do Invencível [Mitra]; mas quem é tão invencível como o Senhor? Chamam-no o Dia do Nascimento do Disco Solar; Cristo, porém é o Sol da Retidão” [Grifos do autor].

Convém lembrar, que no vigésimo quinto dia, do último mês do ano, comemorava-se os aniversários de *Zas* (Sol Salvador da China antiga), os dos deuses egípcios *Hórus* e *Osíris*, o do deus grego *Dionísio*, o do deus hindu *Vishnu* e do deus sírio *Tammuz*. Quanto ao galo, este cantava para anunciar a vinda de *Zas*, a consagração à *Mitra*, à *Febo* (Apolo) e as todas divindades do Sol, isso praticamente em muitas nações (BAYLEY, 2005, p.141,142).

Para os gregos, *Hermes* (deus mensageiro) aparece com alguns animais, dentre eles, o galo, como sendo o “mensageiro do dia”.

Já nas oferendas à *Asclépio*, o galo normalmente estava ligado ao restabelecimento da saúde física e psíquica. Tinha por insígnias, “a serpente ao redor do bastão, as pinhas, a coroa de loureiro, uma cabra, um cão e um galo” (KOCH, 2012, p.25).

Nas tradições religiosas de várias culturas da antiguidade, o símbolo arquetípico do galo estava ligado aos cultos solares e aos elementos rituais. O nascer o sol significava de uma forma geral, uma espécie de renovação espiritual, renovação para a vida, despertar do sono, símbolo de luz, um novo despertar, a verdade. Certamente, Sócrates viveu e se inseriu nesse *mundus*, num despertar para a verdade e que estava ligada às questões político/religiosas, aos



ritos de passagem vida-morte-vida, dia-noite-dia, além do conhecimento de si, exame de si, cuidado de si e cuidado com o outro.

Asclépio, um deus da cura

Para os helenos, anterior ao culto do deus Asclépio, Apolo era considerado o deus de múltiplos atributos (juventude, profecia, inspiração, harmonia da natureza, música, medicina, dentre outros), em especial era cultuado como o deus da cura. No entanto, em alguns lugares o culto era compartilhado com Asclépio. Este era considerado um deus menor na religiosidade da Grécia Antiga, mas em fins do sec. V a.C., santuários foram construídos em seu nome em diversas regiões e, posteriormente, os templos de cura dedicados a Apolo foram transferidos para o deus Asclépio.

Acredita-se que Asclépio tenha vivido por volta de 1200 a.C. durante a Guerra de Troia e se tornado herói. Por isso, depois com o passar dos séculos, tornou-se um herói/divinizado, um deus da medicina. Na versão de Píndaro, Asclépio era filho do deus Apolo e da bela Corônis, filha do rei da Tessália, Flégias (GRIMAL, 1992). Sendo infiel à Apolo, Corônis embora grávida, uniu com um mortal. Apolo apaixonado sabendo da traição, puniu-a com a morte e Ártemis a pedido do irmão, alvejou-a com as suas flechas. Corônis antes de morrer disse a Apolo, que ela certamente merecia o castigo, no entanto, ele devia ao menos ter esperado que o seu filho nascesse. Arrependido e mesmo sendo um deus, nada pode fazer a amada e, quando ia crema-la na pira, não suportando a dor, talvez para amenizá-la, ele abriu o ventre da amada (espécie de cesariana) e retirou a criança que ainda estava viva e confiou esta, à Quíron. O Centauro educou a criança e ensinou a medicina. Com extrema habilidade, o jovem logo aprendeu a arte médica. O jovem Asclépio curava muitas pessoas e inclusive ressuscitava os mortos. Hades (deus dos mortos) irritado com tudo isso, exigiu que Zeus o punisse. Zeus preocupado com a ordem natural das coisas, com um raio tirou-lhe a vida. No entanto, compadecido com Apolo, Zeus ascende Asclépio ao céu e o transforma na constelação de Ofiúco. A partir de então, Asclépio visitava os necessitados através dos “sonhos” e as curas aconteciam, pois ele havia se tornado um herói divino. Conta-se que Asclépio era casado com Epione (Personificação da calma e suavidade da dor), tiveram dois filhos Macáon e Podalírio (citados na *Ilíada* por Homero, como médicos dos Aqueus na





Guerra de Troia) e cinco filhas, Áceso (Personificação do cuidado), Egleia (P. da beleza), Higeia (P. da Higiene e saúde), Íaso (P. da cura) e Panaceia (P. da cura universal).

Para Junito de Souza Brandão (1993, p.91) “Historicamente, Asclépio ‘residiu’ em Epidaurou, dos fins do século VI a.C. até os fins do século V d.C. Onze Séculos de glórias e de curas incríveis!”. Feitosa (2014, p.11) em seus estudos, declara que o culto a Asclépio se tornou popular como deus das curas milagrosas, em especial no século IV e aponta que: “Folkert van Straten observou que, dos relevos votivos que chegaram até nós, os de Asclépio são mais numerosos do que os de qualquer outra divindade grega”.

Um fato importante convém ser mencionado. No século V a.C., com a Guerra do Peloponeso (como vimos no início do texto), houve um grande recrutamento de homens para o exército e muitos deixaram suas terras aterrorizados e se refugiaram para as cidades, em especial Atenas. Com isso, imensos aglomerados com parcas condições de higiene e alimentação promoveu uma população enfraquecida, a mercê de doenças e pestes. Daí, entende-se os motivos da popularidade de Asclépio, um deus médico entre os necessitados. Diante do contexto, as curas seriam milagrosas, divinas e então era comum o devoto oferecer oferendas (comidas, moedas, animais, inscrições, vasos etc.), ao deus curador em agradecimento, isso de acordo com sua posse. Feitosa (2011, p.131) declara que uma inscrição em Epidaurou que data de 400a.C., recomendava-se o sacrifício de um boi para as divindades masculinas e uma vaca para as femininas. Já no altar o sacrifício seria um galo, além de bolo de cevada e certas medidas de trigo e vinho. Obviamente nem todas as pessoas teriam condições para tanto e, uma inscrição retirada da obra *HÉRONDAS - Mime IV* segundo Feitosa, um devoto de Asclépio escreve: “Recebe favoravelmente este galo [...] se pudéssemos, nós ofereceríamos, invés de um galo, um gordo novilho”.

Muitas das curas ocorriam nos *Ábatons* (santuários de cura, próximos ao templo de Asclépio), mas antes de adentrar o santuário, o enfermo passava por práticas de higiene, rituais, jejuns, purificações e poderia levar vários dias. Após, entrava no processo de incubação (*enkatheúdon*) e em seguida era lhe permitido pernoitar no espaço sagrado do *Ábaton*. De noite, o deus visitava os enfermos através dos sonhos, tocava as enfermidades,



indicava a cura e, se necessário, estes eram relatados aos sacerdotes do templo que faziam as interpretações e prescreviam remédios homeopáticos que na sua maioria eram inofensivos.

Segundo Milena Melfi (2007, p.408), o culto à Asclépio em Atenas, advindo de Epidauro, pode ser inserido entre o Século IV a.C e meados do século III d.C. Em Epidauro surgiu uma “escola” de medicina que mais tarde tornou-se mais científica com os *Asclepiades* (descendentes de Asclépio), cujo personagem mais ilustre foi o médico Hipócrates de Cós (460 - 377 a.C.).

Sócrates fraquejara!?

Críton culpou Sócrates, lembrando-o que ele seria injusto, se sacrificasse e além do mais, trairia a sua esposa e rebentos. Seus filhos ficariam lançados a própria sorte, pois ele não poderia cria-los e educa-los. Para Críton, Sócrates escolhera o caminho mais cômodo, ao passo que deveria proceder como um homem honesto e corajoso, principalmente porque passou a vida toda pregando atitudes virtuosas (PLATÃO, *Critão*, 45d-e). Disse ainda que, se sentia envergonhado, não somente pelo mestre, mas por todos os amigos

[...] de medo que pareça que tudo o que aconteceu contigo [Sócrates] seja imputado à covardia de nossa parte: a apresentação da queixa, teu comparecimento perante o tribunal, quando poderias não ter comparecido, a própria maneira por que foi conduzido o processo, o remate da história, ridículo a mais não ser, tudo isso poderá dar a impressão de ter exclusivamente, como causa de cobardia e baixaza de nossa parte, por nada havermos feito para salvar-te, nem por nós, nem por ti, quando fora possível fazê-lo, se tivéssemos revelado um pouquinho de préstimo (PLATÃO, *Critão*, 45e-46a).

Logo após, Críton pediu a Sócrates que refletisse e concordasse com a fuga, pois se executado prejudicaria a todos, o que traria uma imensa desgraça: “Assim Sócrates, por tudo o que há, segue o meu conselho e não procedas de outra forma” (PLATÃO, *Critão*, 46a).

Sócrates não concordou com o conselho de Críton, pois, realmente não poderia contrariar os seus argumentos do passado, por causa de sua execução e, para ele, não se podia atribuir injustiça com a injustiça e um mal com outro mal. Sua fuga seria injusta se saísse sem obter o consentimento da *Polis*, pois destruiria sim, os valores da cidade, das leis, bem como, seus



familiares, amigos e a sua própria “palavra”³ (PLATÃO, *Critão*, 50^a-b). Assim, não poderia jamais trair suas convicções, “renegar seus argumentos”. Este era o seu “Modo de vida”, sua “filosofia de vida”, pois mesmo morto “viveria”, pois era preciso saber morrer, para estar de acordo com a sua *parrhesía*. Assim, declara a sua verdade ao amigo:

Meu caro Critão [Críton], tua dedicação é inestimável, no caso de afinar com o dever; não sendo assim, quanto mais extremada, mais condenável será. De início o que devemos considerar é se podemos ou não agir dessa maneira. Porque sempre tive por norma nas minhas deliberações, não agora somente, deixar-me apenas convencer do princípio que ao exame se me afigure o melhor. Não me é possível renegar meus argumentos no passado, somente por causa do que me aconteceu; ainda se me afiguram sensivelmente idêntico; continuo a tê-los na mesma conta de antes (PLATÃO, *Critão*, 46b). [...] Fica, pois, sabendo que no que respeita às minhas convicções, tudo que disseres em contrário será baldado. [...] Procedamos, então dessa maneira, porque esse é o caminho indicado pela divindade (PLATÃO, *Critão*, 54d-e).

Segundo Diógenes de Laértios (Século III d.C.), Xantipa (esposa de Sócrates) injuriada com a condenação dele, disse: “Morrerás injustamente”, o filósofo retrucou: ‘Querias que eu morresse justamente?’” (LAËRTIOS, 2008, p.56).

Sobre o texto de Dumézil e a aula de Foucault, relacionado ao abalo da alma devido à corrupção através do *nóso*, ou seja, Sócrates convencido por Críton (portanto, uma falha), de nossa parte, relembramos o que disse Sócrates a Críton: “Não me é possível renegar meus argumentos no passado [...]” (PLATÃO, *Critão*, 46b). “[...] Fica, pois, sabendo que no que respeita às minhas convicções, tudo que disseres em contrário será baldado” (PLATÃO, *Critão*, 54d). Ora, aqui parece que Sócrates não se deixou convencer por Críton. Pode-se notar isso, também no *Fédon* (PLATÃO, *Fédon*, 58e), até mesmo antes do debate com Símiás e Cebes, dirá Fédon: “O homem [Sócrates] parecia me felicíssimo, Equécrates, tanto nos gestos como nas palavras, reflexo exato da intrepidez e da nobreza com que se despedia da vida”. Sendo assim, acreditamos que a dívida de Sócrates, talvez não sejam as referidas acima no texto de Dumézil/Foucault, mesmo pronunciando “devemos”.

³ “Palavra” está intimamente ligada ao “Modo de vida”, o viver verdadeiramente, a *parrhesía*. “O discurso filosófico de Sócrates era vinculado com a forma de viver e a filosofia um exercício que o preparava para a sabedoria. Exercícios espirituais que o transformavam interiormente, e seus discursos coadunavam com suas ações. Surgia, portanto um imenso movimento diante do ‘Mito Sócrates’. A ideia de filosofia se vincula a este ‘modo de vida’. ‘Modo de vida’ cujo exemplo mítico está relacionado com as incessantes buscas pela virtude, pelo conhecimento e verdade, pois ele dizia: ‘sei que nada sei’, ‘conhece-te a ti mesmo’, ‘cuida de si’” (SILVEIRA, 2014, p.115).



Sobre o vínculo da amizade na antiguidade, concordamos, pois quando um indivíduo falha, seus consortes também falham. Contudo, como dissemos acima, Sócrates fez com que Críton percebesse o erro, mesmo que fosse duro aceitá-lo. Assim, Críton não se sucumbiu efetivamente ao erro e, certamente a alma não estaria lesada, pois fora despertada. Ora, o que é o método da ironia e da maiêutica socrática senão examinar a vida? Transitar entre as opiniões falsas (*nósos*) para parir o *logos* refletido? Diante desta nossa hipótese, pensamos que Cebes e Símiás, também não façam parte da referida dívida a Asclépio, pois participaram do jogo dialético e parhesiástico no qual buscou-se parir outras ideias e assim, Sócrates não fraquejara.

Sobre os que concluíram que para Sócrates a “vida é uma doença” e em especial Nietzsche (2001), ele em o *Crepúsculo dos ídolos - O problema de Sócrates*, chama Sócrates e Platão de decadentes, cambaleantes, antigos e que eles não foram sequer sábios. Declara que Sócrates estava enfasiado com a vida e “estava há muito doente”. Já no Aforismo 340 lê-se:

Sócrates moribundo – Eu admiro a bravura e a sabedoria de Sócrates em tudo o que ele fez, disse – e não disse. Esse zombeteiro e enamorado monstro e aliciador ateniense, que fazia os mais arrogantes jovens tremerem e soluçarem, foi não apenas o mais sábio tagarela que já houve: ele foi igualmente grande no silêncio. Quisera que também no último instante da vida ele tivesse guardado silêncio – nesse caso, ele pertenceria talvez a uma ordem de espíritos ainda mais elevada. Terá sido a morte, ou o veneno, ou a piedade, ou a malícia – alguma coisa lhe desatou naquele instante a língua, e ele falou: “Oh, Críton, devo um galo a Asclépio.” Essa ridícula e terrível “última palavra” quer dizer, para aqueles que têm ouvidos: “Oh, Críton, a vida é uma doença!” Será possível? Um homem como ele, que viveu jovialmente e como um soldado à vista de todos – era um pessimista? Ele havia feito uma cara boa para a vida, o tempo inteiro ocultando o seu último juízo, seu íntimo sentimento! Sócrates, Sócrates sofreu da vida! E ainda vingou-se disso – com essas palavras veladas, horríveis, piedosas e blasfemas! Também Sócrates necessitou de vingança? Faltou um grão de generosidade à sua tão rica virtude? – Ah, meus amigos, nós temos que superar também os gregos!

Acima, Nietzsche elogia e também aponta que Sócrates era um pessimista e devido à proximidade com a morte, não conseguiu ficar calado, porque a vida era uma doença, daí: “Oh Críton, eu devo um galo a Asclépio”.



Escrevemos a pouco que talvez a dívida à Asclépio, seja somente de Sócrates, mesmo devido ao “devemos”.⁴ Em Nietzsche, vemos o verbo no singular “devo”, ao invés de “devemos” da obra *Fédon*. Assim, acreditamos também no “devo”.⁵ Entretanto, uma dívida não no sentido de doença, mas de agradecimento por ter conseguido ao longo de sua existência, através de seu modo de vida, filosofia de vida e exercícios espirituais, não se deixar adoecer, corromper-se, pois

[...] a alma do verdadeiro filósofo abstém dos prazeres, das paixões e dos temores, tanto quanto possível, certa de que sempre que alguém se alegra em extremo, ou teme, ou deseja, ou sofre, o mal daí resultante não é o que se poderia imaginar, como seria o caso, por exemplo, de adoecer ou vir a arruinar-se por causa das paixões: o maior e o pior dos males é o que não se deixa perceber (PLATÃO, *Fédon*, 83c).

Souza Brandão (1993, p.91) aponta um dado importante para nosso estudo e que merece muita atenção, sendo Asclépio um herói deificado, este participa das naturezas humana e divina, o que simboliza uma unidade indissolúvel entre ambas. Na entrada do *Hieron* (recinto sagrado), estava gravado uma mensagem da medicina de Asclépio, “Puro deve ser aquele que entra no templo perfumado. E pureza significa ter pensamentos sadios” e Souza Brandão (1993, p.91-92) declara:

A conclusão é simples: certamente em épocas mais recuadas só havia cura total do corpo em Epidauro, quando primeiro se curava a mente. Em outros termos, só existia cura, quando havia *metánoia*, ou seja, transformação de sentimentos. Será que os Sacerdotes de Epidauro julgavam que as *hamartíai* (as faltas, os erros, as *démesures*) provocavam problemas que levavam ao “encucamento” e este agente mórbido, esta incubação “detonava” as doenças? De qualquer forma, a missão de cura em Epidauro era uma das missões, porque, basicamente, a cidade do deus-herói-Asclépio era um Centro espiritual e cultural. Dado que as causas das doenças eram principalmente mentais, o método terapêutico era essencialmente espiritual, daí a importância atribuída à *nooterapia*, que purifica e reforma psíquica e fisicamente o homem inteiro. Procurava-se, a todo custo, através do *gnôthi s'autón* (conhece-te a ti mesmo) que o homem “acordasse” para sua identidade real [grifos do autor].

Assim sendo, tendo por provas as *estelas* no Museu de Epidauro (colunas com inscrições) sobre o auge do período das curas do Santuário de Asclépio, isso até o fim do século IV a.C.,

⁴ Neste artigo não temos espaço para analisar mais profundamente o aforismo 34 de Nietzsche sobre Sócrates, o que ficará para um outro momento.

⁵ Aventamos: “devo” um galo a Asclépio, pois Sócrates não era uma pessoa abastada economicamente e a ave lhe seria conveniente. Se o sacrifício incluísse Críton (devemos), como se sabe ele era considerado uma pessoa de muitas posses e certamente outras oferendas poderiam ser oferecidas como o boi, bolos e cereais além do galo.



estas não eram realizadas com medicamentos, mas com juízo, intervenção divina e *metánoia*. Segundo Souza Brandão (1993, p.92) “Essas técnicas, os Sacerdotes de Asclépio, muito mais pensadores profundos que médicos, as conheciam muito bem, porque haviam feito um grande progresso no que tange à psicossomática e à *nooterapia*”. Assim, *Harmonia* e *Ordem* divina restabeleceria a saúde psíquica e corporal. Por recomendação era solicitado aos enfermos que “pensassem santamente” e buscassem o equilíbrio biopsíquico.

De uma forma geral, Epidauro era um centro cultural, religioso e de lazer. Com competições esportivas, teatro, biblioteca, poesia, música, dança, artes, tudo isto aliava-se ao efeito terapêutico sobre o corpo e a alma aumentando a espiritualidade e purificando a alma das paixões. Diante da contemplação artística e da beleza das “obras de artes, que ornamentavam o *Ábaton*, tinham por escopo a elevação, a espiritualização e humanização do pensamento. Todo esse conjunto, espiritual e cultural, visava, em última análise, à catarse” (SOUZA BRANDÃO, 1993, p.93). O referido autor atesta que mesmo no sec. IIa.C. (período romano) quando se generalizou o uso de medicamentos e os “meios mais modernos de higiene, dietética, cirurgia, hidroterapia, purgantes... Asclépio e sua *nooterapia* jamais desapareceram: *purifica tua mente e teu corpo estará curado* (SOUZA BRANDÃO, 1993, p.93).

Lembramos que Fédon, diante de seus ouvintes declara que era por demais estranho o que sentia junto a Sócrates, pois este parecia felicíssimo, quer nos gestos ou palavras, mesmo próximo a se despedir da vida. Dirá Fédon: “Por isso mesmo, não me dominou nenhum sentimento de piedade, o que seria natural na presença de um moribundo. Também não me sentia alegre, como costumava ficar em nossas práticas sobre filosofia” (PLATÃO, *Fédon*, 59a). Para Sócrates, filosofar é um “exercício de morte” (*meléthe thánatou*), ascese filosófica, exercícios de cuidado para com alma (*Phrónesis*), no sentido de que os prazeres exigidos pelo corpo, não dominem a razão, o verdadeiro, o divino⁶. Assim, aqueles que habitam a

⁶ O termo divino (*tò theîon*) relaciona-se à uma fase que se situa além da percepção sensível. Trata-se do intelecto, aquele que possui a capacidade de compreender, conhecer e ajuizar as coisas. A alma do filósofo “alcançando a calma das paixões e guiando-se pela razão, sem nunca a abandonar, contempla o que é verdadeiro e divino e que paira acima das opiniões, certa de que precisará viver assim a vida toda [...] (PLATÃO, *Fédon*, 84a-b).



filosofia e a tem como “modo de vida”, devem seguir sempre vigilantes para não se perderem pelo caminho da vida. Sendo assim, para Sócrates, “a alma pensa melhor quando nada disso tem a perturbá-la, nem a vista, nem o ouvido, nem dor, nem prazer de espécie alguma, e, concentrada ao máximo em si mesma, dispensa a companhia do corpo, evitando tanto quanto possível qualquer comércio com ele, e esforça-se por apreender a verdade” (PLATÃO, *Fédon*, 65c).

Preocupado com as questões morais, iniciado nos cultos de mistério, conhecedor dos mitos, dos exercícios espirituais e saúde somática, Sócrates ao beber o cálice de cicuta ao pôr do sol, consagra a sua vida que fora toda dedicada à verdade racional na construção de uma ética. Dessa forma, pensamos que sua existência, os longos dias no cárcere, o sono e os sonhos⁷, os ritos, o banho, os diálogos, a tranquilidade de Sócrates diante da morte, jamais poderia ser um “lamento” e a vida uma doença, mas festividade de um homem que se esforçou para ser um amante da sabedoria, caçador das verdades, daí um “agradecimento” a Asclépio pela vida sã, pois purificada a mente, o corpo estava sadio. Sócrates acreditava que o exercício filosófico na busca pela verdade purificava a alma imortal e imperecível (PLATÃO, *Fédon*, 106e), e esta permaneceria ao lado dos deuses e dos homens sábios. Para tanto, “se a alma for imortal, exigirá cuidados de nossa parte não apenas nessa porção de tempo que denominamos vida, senão o tempo todo em universal [...]” (PLATÃO, *Fédon*, 107c), pois se a morte significasse o fim de tudo, inclusive a da alma, Sócrates declara que haveria uma imensa vantagem para os desonestos. No entanto, por ter admitido ser a alma imortal e indestrutível, o cuidado de si é imprescindível, pois ela nada mais leva consigo em sua viagem a não ser a instrução e a educação. Para Pierre Hadot (2014, p. 263), “A sabedoria

⁷ Sócrates na prisão declara a Cebes que durante toda sua vida, ele buscou cumprir os significados dos sonhos. Sob diferentes formas estes diziam a mesma coisa, compor uma música e executá-la. Estava convencido de que sendo a Filosofia a música mais nobre, foi o que fizera e a qual dedicara. No entanto, ele expõe o seguinte: “[...] depois do julgamento e por haver o festival do deus adiado minha morte, perguntei a mim mesmo se a música que com tanta insistência o sonho me mandava compor não seria essa espécie popular, tendo concluído que o que importava não era desobedecer ao sonho, porém fazer o que ele me ordenava. Seria mais seguro cumprir essa obrigação antes de partir, e compor poemas em obediência ao sonho” (PLATÃO, *Fédon*, 61a-b). Dessa forma, ele compõe um hino em louvor a Apolo, pai de Asclépio.



era um modo de vida que trazia a tranquilidade da alma (*ataraxia*), a liberdade interior (*autarkeia*), a consciência cósmica”.

Crítón num dado momento no *Fédon*, solicita ao mestre para que deixe suas últimas determinações a ele e aos presentes, quanto ao cuidado dos três filhos pequenos de Sócrates. O mestre responde:

O que sempre vos digo, Critão, foi a sua resposta; nada tenho a acrescentar: se cuidardes de vós mesmos, tudo o que fizerdes será tanto por amor de mim e dos meus como de todos, ainda mesmo que nada me tivésseis prometido neste momento. Porém no caso de vos descuidardes de vós mesmos e de não orientardes a vida como que no rastro do que vos disse agora e no passado, por mais numerosos e solenes que fossem vossos juramentos neste instante, não avançareis um único passo (PLATÃO, *Fédon*, 115b-c).

O efeito da cicuta já estava avançado, a morte se aproximava, mas num instante Sócrates retira o véu de seu rosto e pronuncia a Crítón “devemos um galo a Asclépio. Não te esqueça de saldar a dívida!” (PLATÃO, *Fédon*, 118a). Imediatamente, Crítón confirma que cumprirá o pedido e em seguida, pede a Sócrates se queria dizer algo mais. A pergunta não foi respondida, mas certamente ao se calar, ele disse algo mais, muito mais...

Referências

BAYLEY, Harold. *A linguagem perdida do simbolismo: um estudo sobre a origem de certas letras, palavras, nomes, contos de fadas, folclores e mitologia*. Trad. Newton, R. Eichemberg; Alípio C. de Franca Neto. São Paulo: Editora Cultrix, 2005.

DIÓGENES DE LAËRTIUS. *Vida e doutrinas dos filósofos ilustres*. Trad. do grego, Introd. e Notas Mario da Gama. 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014.

FEITOSA, João Vinícius Gondim. *Rito e cura no culto de Asclépio no final do Período Clássico*. Revista Eletrônica de Antiguidade. Nearco (Rio de Janeiro), v. 4, p. 124-137, 2011.

_____. *O culto de Asclépio em Epidauro entre os séculos IV e II a.C.* Dissertação de Mestrado. Recife: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2014.

FOUCAULT, Michel. *A coragem da verdade. O governo de si e dos outros II*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

GIORDANI, Mário Curtis. *História da Grécia*. Petrópolis: Editora Vozes, 1984.



GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Trad. Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1992.

HADOT, Pierre. *Exercícios Espirituais e a Filosofia Antiga*. Trad. Flávio F. Loque; Loraine Oliveira. São Paulo: É Realizações Editora, 2014.

HOMERO. *Ilíada*. Trad. Haroldo de Campos. São Paulo: Editora Arx, 2002.

KOCH, Scheila Rotondaro. *Os Santuários de Asclépio: expressões arquitetônicas, sociais e religiosas nos séculos V, IV e III a.C.* Dissertação de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

MELFI, Milena. *I santuario di Asclepio in Grecia. I*. Roma: L'erma di Bretschneider, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Crepúsculo dos ídolos ou a filosofia a golpes de martelo*. Trad. Edson Bini; Márcio Pugliesi. Curitiba: Hemus Livraria, Distribuidora e Editora S.A., 2001.

_____. *A gaia ciência*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

PLATÃO. *Critão, Menão, Hípias Maior e Outros*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora Universidade do Pará, 2007.

_____. *Fédon*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora Universidade Federal do Pará, 2011.

_____. *Fedro, Cartas e O Primeiro Alcibíades*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora Universidade do Pará, 2007.

SILVEIRA, Carlos Roberto. *A Educação Socrática como “Modo de Vida”: a Imagem do “Cuidado de Si” na Beleza Poética do Sátiro*. Revista Horizontes, v. 32, n. 2, p. 109-119, jul./dez.2014.

SOUZA BRANDÃO, Junito de. *Mitologia grega*. V. II. Petrópolis, Editora Vozes, 1987.

